

Richard Zimler

Ilha Teresa

Tradução de
José Lima



Agradecimentos

Gostava de agradecer ao meu tradutor José Lima e à minha editora Maria da Piedade Ferreira. Estou particularmente grato a todos os que leram a versão inicial deste livro e de quem recebi observações muito pertinentes: Alexandre Quintanilha, Cynthia Cannell e Zuzanna Brzezinska.

Capítulo 1

Sábado, 17 de Outubro de 2009

SÓ CERCA DE UM ANO DEPOIS de nos termos mudado para cá é que me apercebo de como a Willis Avenue é perigosa, enquanto espero para a atravessar e ir buscar sopa wonton ao Slow Boat to China. Imagino que há outras coisas em que só pensamos quando a Morte passa a zunir a cem à hora e não sabemos bem se teremos a coragem tramada de avançar uns passos para Lhe darmos uma mãozinha.

Mas não é só o pensar o que seria ver-me rachada ao meio por um Chevrolet na estilha que me deixa o medo a bater umas asas frenéticas junto aos ouvidos. É também o ter de entrar num restaurante chinês mal iluminado completamente sozinha e falar com aqueles homens de coletes vermelhos brilhantes, com um inglês ainda pior do que o meu.

E, só aqui entre nós, talvez por outra coisa, também. Talvez por o meu pai estar doente de mais para deixar o hospital e vir para casa. Eu sei que era isso que o Dr. Rosenberg havia de me dizer. Mas não me parece que mesmo ele seja sempre capaz de saber porque é que o terror me persegue.

Digo «completamente sozinha» porque o Pedro não conta quando se trata de me ajudar a ficar menos à rasca. Se acham que ajuda, então é certo e sabido que nunca tiveram um irmão ou irmã mais pequenos.

Deixei abrir e fechar dois sinais vermelhos. O Pedro não pergunta por que não seguimos. Observo-o atentamente, com aquela sua trunfa de cabelo preto e a maneira mais do que firme como agarra o boneco do herói Incredible Hulk, mas quem pode dizer o que vai na cabeça de um miúdo de sete anos que tem de levar consigo um super-herói verde em miniatura cada vez que sai de casa?

Nestes últimos meses, aprendi que fazer de conta que consigo desaparecer sempre que quiser me ajuda a ficar calma. Às vezes penso que o Pedro também sabe e que o silêncio dele significa que é melhor do que eu nisso.

Um, dois, três...! No momento em que a luz fica outra vez verde para nós torno-me num fantasma assombrando a minha própria vida, e então arrasto o Pedro pela mão. «Toca a andar!», digo-lhe. Não lhe dou nenhum puxão para atravessar a rua, apesar dos seus passinhos de anão, porque estou a lutar contra as ganas de ser má com ele. Não me dá grande gozo fazê-lo chorar nestes dias. Dava-me, nos primeiros tempos em que nos mudámos. Mas cansa muito estar sempre a ser má. Pelo menos a mim cansa.

A minha mãe mandou-me ir buscar duas doses de sopa wanton. Entregou-me uma nota de dez dólares e disse «Quero o troco!», em português. Ameaçou-me com o dedo a sublinhar o que dizia, como se passasse a vida a apanhar-me a roubar-lhe dinheiro. O que não é o caso. É verdade que pensei em roubá-la – mas também pensei em pôr-lhe a água da banheira a ferver e enfiar-lhe o purgante Ex-Lax no Jello de framboesa da dieta –, mas nunca a magoei fisicamente nem lhe pifei nada mais do que dois cigarros Parliament (e nem sequer eram para mim, eram para o Angel). «Estou inocente, Meritíssimo. Juro.»

Pensei em tirar uns minutos a mais ao ir ao restaurante para poder apanhar algumas das folhas vermelhas e amarelas que tinham realizado o seu desejo outonal de repousar em Gilbert Lane, mas quando ia a sacar a camisola das mãos da minha mãe ela mandou-me levar o Pedro comigo. «O teu irmão precisa de sair», disse ela, ainda em português, como se ele fosse o nosso cão. Ou como se alguém o obrigasse a passar o fim-de-semana inteiro a ler e a brincar com super-heróis de plástico.

Estive para refilar e dizer-lhe «Levo-o comigo quando aprenderes a falar inglês», porque a minha mãe continua a ser incapaz de dizer a mais simples das frases depois de onze meses e meio na América e eu tenho de lhe servir de intérprete no Bagel Boss, no supermercado Waldbaum's e, o pior de tudo, no Kim's Beauty Salon na Hillside Avenue, no meio do pivete tóxico de vinte candidatas a Celine Dion a pintar e a pôr porcelana nas unhas. Mas ela ia-me guinchar «esper-tinha». Adora chamar-me assim para me obrigar a sentir que é um favor que me faz estar sempre a inventar novas maneiras de me tornar na Barbie que ela gostava que eu fosse.

«Dr. Rosenberg, será possível que o Pedro ande sempre com o Hulk porque gostava de ser *assim* grande e violento? Talvez lá muito

no fundo do seu silêncio ele seja ainda mais mad do que eu.» E «mad» tanto quer dizer maluco como furioso. É uma boa palavra para os miúdos imigrantes aprenderem ao saírem do controlo dos passaportes no Aeroporto de Newark.

Ainda são só onze horas, mas a mamã diz que temos de comer cedo para podermos estar no hospital ao meio-dia e dar o almoço ao meu pai. Não podia fazer nada para o Pedro e para mim porque, como ela nos informou, estava «demasiado ocupada».

Julgam que no meio de aparar as sobrancelhas e de estar horas a dar à língua em português com a Diana, a melhor amiga dela, que por acaso vive logo aqui ao pé, julgam que ela ia arranjar dois minutos para abrir um boião de chilli para nós, aquecê-lo no microondas e deitar-lhe em cima um pouco de queijo ralado?

O chilli é a comida preferida do Pedro. E ainda por cima deita-lhe molho de piripíri. Às vezes penso que as emoções do Pedro estão muito para o morto e que todos aqueles molhos picantes são uma tentativa dele para as ressuscitar.

No meu mais chilreado vês-como-estou-a-ajudar, disse à minha mãe que eu abria o frasco do chilli Heinz e que deitava o queijo ralado por cima, mas ela franziu o sobrolho como se eu estivesse a armar algum sarilho e disse: «Não, deixa, está-me a apetecer uma sopa.»

A minha mãe tem um reportório de sobrolhos franzidos capaz de fazer inveja à Meryl Streep. O Angel está convencido de que ela ensaia ao espelho quando não há ninguém a ver, mas isso se calhar é porque ele também gosta de ensaiar maneiras diferentes de parecer sexy quando estamos os dois no quarto dele.

O Slow Boat to China tem um enorme aquário nojento à entrada, com seixos roxos e palmeiras aquáticas, mas sem nenhum peixe. Pelo menos eu nunca vi lá nenhum, embora desta vez haja um caracolinho esverdeado todo apertado contra o vidro como que desesperado por se evadir. O cheiro a loja de animais daquele sítio dá-me pele de galinha porque fico sempre a pensar que se calhar estão lá dentro na cozinha a cortar cobaias e hamsters às fatias. É muito possível. Se vissem a Fox News como o meu pai já sabiam que os imigrantes da Ásia comem todo o género de coisas que os americanos não comem.

«Duas doses de sopa wonton», digo ao chinês do cabelo preto todo repuxado para trás que está sempre ali. Falo devagar e procuro captar aquela parte pequena e movediça no meio das vogais americanas e se calhar consegui porque desta vez ele entendeu-me.

Estremeço de alívio.

O meu pai chama Fung a este chinês quando não está ninguém a ouvir e pronuncia Fung de um modo tão marado que nos faz rir, embora aquilo seja um «insulto étnico» e nós não devíamos achar isso nada nada divertido.

O homem-que-não-é-realmente-Fung diz que sim com a cabeça e rabisca umas coisas em chinês no caderninho dele. Dou-lhe o dinheiro e ele vai à caixa e dá-me o troco.

Sabe Deus o que ele pensará desta família de portugueses que entra aqui uma vez por mês para comer sempre a mesma triste refeição e que deixa uma notazinha de dólar de gorjeta. Se calhar põe-nos tripas de cobaia no arroz em vez de carne de porco. E quem lhe pode levar a mal?

Vamos até à rua enquanto esperamos, o Pedro e eu, e ficamos no passeio em frente da Willis Avenue, a poucos centímetros de nos tornarmos nas panquecas que a Morte gostaria de ter para o pequeno-almoço de hoje.

«A minha mãe fez tudo o que podia para dar cabo da minha vida. E da do Pedro.» Quando entro no consultório do Dr. Rosenberg é a primeira coisa que lhe digo. Vive do outro lado da rua. Embora ele ainda não seja o meu psiquiatra, a não ser na minha cabeça. Dá para pensar se alguma vez conseguirei aterrar no Planeta Normal. Quer dizer, quantas miúdas da minha idade sonham em ter um psiquiatra genial e não em ser uma estrela pop ou uma actriz famosa?

Nenhuma das que eu conheço na Hillside High School.

Acontece é que eu *sei* cantar e por isso não tenho de me pôr a sonhar com isso. Porque se eu trabalhasse mesmo a sério, não vejo por que não podia ter pelo menos mais piada do que a Mariah Carey. Quer dizer, é uma coisa dentro do possível. Mas o que eu *não consigo* fazer por mais que tente é adormecer antes das três da madrugada. Ou ter bons amigos. Tirando o Angel. Anda um ano à minha frente, no décimo primeiro ano. Mas ele a bem dizer não conta. Por dois motivos: um é que ele é

do Brasil e por isso não é que eu tenha arranjado uma maneira de ser amiga de um americano; e dois porque ele é gay, o que quer dizer que ele também não tem nenhuns verdadeiros amigos, tirando uns quantos góticos numas roupas pretas nojentas todas comidas das traças – todos com um ar de desenterrados, brancos como ossos – e com quem ele anda no intervalo do almoço e às vezes nos fins-de-semana.

O Angel costuma dizer que é *proto-gay* e não *gay*, porque embora as fantasias dele sejam sobre rapazes e homens, nunca foi mais longe do que beijar outro rapaz. Já, mesmo estando nós em 2009, não é fácil aos putos como ele serem aceites como são. E embora só a uns trinta quilómetros de meio milhão de queers e maricas a comer tapas e comida tailandesa em Chelsea. Por isso, na hora de falar a sério sobre alguma coisa do que se está a passar ou do que não se está a passar, só nos temos um ao outro.

É o Angel que corrige os meus erros de gramática nisto que estão a ler. E que traduz o meu português para inglês quando não sei como dizer o que quero dizer. Embora se eu continuar a escrever sobre a minha vida vá ter de dizer algumas coisas comprometedoras sobre ele, e não queria que ele lesse essas partes até eu decidir o que é para ficar só para mim, e por isso se calhar vou ter de arranjar outra pessoa para mais tarde corrigir essas partes.

Está cá desde os sete anos e aposto que tem um vocabulário superior ao de qualquer um, tirando o Mr. Henderson, que é o meu professor de inglês. Dezasseis anos, *proto-gay* e talvez um génio. Com umas mechas loiras no cabelo preto comprido. Dá para passar uma vida lixada, ter isso tudo no currículo.

Pouco depois de termos mudado para aqui, o Dr. Rosenberg chamou-nos aos dois, ao Pedro e a mim, quando íamos a sair de casa e propôs-nos fazer festinhas à Caramel, a cadelinha collie dele, e dar-lhe biscoitos de cão para ver se ela deixava de nos ladrar cada vez que põe a vista em nós. O Dr. Rosenberg estava a lavar o BMW castanho. Trazia aqueles calções largueirões aos quadrados que lhe dão um ar esquisitói-de, com umas pernas escanzeladas branquinhas cobertas de pêlos pretos. A matrícula do BMW é PSYCH42, o que deve querer dizer que há mais 41 psiquiatras em Nova Iorque que tiveram a mesma ideia antes dele.

Tinha atado a Caramel ao candeeiro pela trela. Os biscoitos favoritos dela são os T Bonz Porterhouse com sabor a bife, e por isso o Dr. Rosenberg deu-me um desses a mim e outro ao Pedro. «Tens de ser amiga dos nossos novos vizinhos da frente», disse ele à collie numa vozinha meiga quando nós avançámos, mas ela não se mostrou pelos ajustes. Enquanto eu lhe estendia o biscoito, o Dr. Rosenberg segurou-a com as duas mãos, com ela a rosar e a mostrar os dentes, e era evidente que o que ela queria era o petisco dos meus dedinhos branquinhos e não cinco centímetros quadrados de flocos de aveia comprimidos ou lá o que é que eles põem no raio daqueles biscoitos nojentos. O Pedro escondia-se atrás de mim, pronto a fugir dali. Quando desistimos daquilo, o Dr. Rosenberg disse-nos: «Ela habitua-se a vocês com mais algumas tentativas.» Fez um sorriso todo confiante como fazem os pais americanos, mas eu não estava lá muito convencida.

«Não dizem que os collies são simpáticos?» Isto foi o que o Pedro me perguntou depois. «Talvez, mas eu acho que a Caramel está possessa», disse eu. O meu irmão fez que sim com cabeça, como se eu falasse a sério. Ele é assim. Não percebe quando estamos a gozar. Nem em português nem em inglês. É um tanso bilingue.

Uma vez, quando a Caramel estava a ladrar para mim e para o Angel, ele disse-me: «Deve ter-lhe acontecido qualquer coisa quando era cachorrinha e ela ficou traumatizada.» E foi assim que fiquei a saber que o Angel acredita mais na *nurture* do que na *nature*. Vive só com a mãe e acha que foi o ter um pai ausente que fez dele um proto-gay. Diz que é isso que Sigmund Freud pensava, também. Só que se calhar tanto ele como o Freud estão errados e o ele estar apanhado pelo Brad Pitt é uma coisa que lhe está no DNA. Apesar de ser muito possível que eu só queira pensar assim porque isso significava que a mamã não pode deixar de perceber que se passa qualquer coisa de muito sério com o Pedro e que não podemos continuar a viver na América sem falar um inglês razoável. O que queria dizer que eu não posso realmente dizer que ela é responsável por estar muito abaixo daquilo que podia ser.

O Dr. Rosenberg esforçou-se mais umas quantas vezes por convencer a Caramel a ser simpática connosco, mas não conseguiu. A cadelinha ladra-nos com tal raiva que um dia destes ainda tem um AVC.

Foi simpático da parte do Dr. Rosenberg ensinar-me que desistir é uma opção válida. Parece que é o mais sensato em relação à minha mãe.

«Se eu fizesse todo o caminho a pé até ao Aeroporto Kennedy e despenteasse o cabelo para ficar com um ar de desgraçadinha e fosse a coxear até ao balcão da TAP Air Portugal, talvez um passageiro rico e de bom coração me pagasse o bilhete para Lisboa.» É o que me passa pela cabeça enquanto estou ali especada diante do Slow Boat to China. Podia fazer isso, realmente – esfregar lama no cabelo e ir a pé até ao aeroporto. Dava um beijo de adeus ao Pedro, explicava-lhe como voltar para casa e depois seguia para Norte passando pelo Roslyn Eye Center e subia até à entrada da auto-estrada Northern State. Depois, sempre em frente. Sei bem o caminho até ao Aeroporto Kennedy porque o marquei a vermelho no mapa do Pai várias vezes. Mas não dou nenhum passo. Porque o que eu agora percebi é que não quero voltar. Embora no fundo também não queira ficar cá.

O desespero de estar entre dois mundos dá-me dores de barriga. Quer dizer, não há noite nenhuma destes últimos onze meses e meio em que não tenha dado brilho ao meu desejo de voltar e agora nem essa porcaria tenho a brilhar toda reluzente para me fazer companhia. A questão é que se eu me fosse agora embora ia ficar com umas saudades tramadas do Angel. O verdadeiro nome dele é Caetano, mas os americanos não conseguem pronunciar bem aquilo. Arranjou o nickname há uns meses, quando estava a ver umas coisas no portátil dele sobre as Guerras Napoleónicas e em vez disso pôs-se a ver fotografias do Brad Pitt no Google. A Carla Stevenson, que está ao lado dele na aula de História da Europa do Advanced Placement, viu o que ele estava a fazer quando se levantou para ir à casa de banho e ao almoço foi dizer a toda a gente que ele queria ser a Angelina Jolie. O que ela achava mais histórico era ele estar apanhado por um actor tão velho.

E então uma data de miúdos começaram a chamar-lhe Angelina. Eu mudei-o para Angel porque isso dá à alcunha um sentido mais positivo. E também lhe assenta bem.

Os rapazes estão sempre a meter-se com ele e a ameaçá-lo, e ele arranjou um atestado especial do médico para poder ser dispensado da ginástica desde que o Gregory Corwin lhe bateu nos duches quinze dias depois de a Carla Stevenson andar a espalhar aquilo de ele estar apanhado

pelo Brad Pitt. Há uma data de raparigas que ainda lhe perguntam se quer que elas lhe emprestem batom e maquilhagem. Não percebem que não tem piada nenhuma. E que o Angel não quer ser ninguém a não ser quem ele é. Ou talvez percebam, mas não achem que estar sempre a serem más seja tão cansativo como eu acho.

Havia três milhões quinhentas e cinquenta mil referências a fotografias do Brad Pitt no Google e foi então que o Angel se apercebeu que era possível passar uma vida inteira a descarregar fotografias dele da internet.

O Gregory Corwin foi suspenso um mês, mas voltou com um sorriso e a pavonear-se, como se fosse o herói da sua própria série de televisão. A Hillside High está cheia daquilo que o Angel chama *trogloditas*, embora eles se achem todos estrelas rock muito fixes. Mil e quinhentos grunhos destes e uns poucos miúdos a sério a esbracejar para se conseguirem safar. É o que se chama uma escola secundária.

Se deixasse a América, também havia de ter saudades de jogar basquetebol, que é a única coisa que eu faço melhor do que as outras raparigas da Hillside. E também me ia custar viver sem a liberdade de um país onde as pessoas deixam as persianas abertas porque não ligam a que alguém olhe para dentro e as vejam a engomar a roupa em chinelas (a mamã) ou a cortar as unhas dos pés com uma tesoura da cozinha (o papá) ou a passar uma lâmina pelos jeans para eles ficarem com ar de terem sido comprados numa boutique francesa em Manhattan e não na Gap de Northern Boulevard (eu, claro).

Vamos lá a ver as coisas como elas são: ter quinze anos num país estrangeiro e não ter lado nenhum para onde fugir significa estar naufragada na nossa própria ilha deserta, a milhares de milhas de qualquer sítio onde pudéssemos querer estar. Ilha Teresa. Um bocado para o triste e longe das rotas para um resort de férias, mas ainda assim com alguns encantos exóticos. Naufragada diz-se «stranded» — é uma palavra que aprendi ontem num romance que ando a ler, chamado *They Came Like Swallows*. Foi o Angel que mo trouxe da Shelter Rock Library. Ele lê mais do que qualquer outra pessoa que eu conheça. Que é mais uma coisa que os grunhos não lhe perdoam, claro.

O chinês-que-realmente-não-se chama-Fung entrega-me a sopa, e eu e o Pedro voltamos para casa e comemos aquilo enquanto eu leio

o meu livro e vou dando uma olhadela a um episódio antigo do *Seinfeld* que ele está a ver. A mamã diz que a sopa wonton é a única coisa de jeito que eles têm no Slow Boat to China. Não que a gente tenha provado a comida deles; ela diz que o Mário, um primo dela de Angola, apanhou lombrigas com umas costeletas que tinha comido num restaurante chinês em Luanda e por isso nunca nos deixa comer mais nada senão sopa e arroz frito ou massas chow mein quando lá vamos.

Uma vez vi uma chinesa minúscula com uma crista de cabelo branco a comer a um canto um prato chamado Hot Spiced Sliced Chicken. Sei que foi isso que ela encomendou porque perguntei ao empregado. Tinha uns pimentos fininhos vermelho-acastanhados misturados com o frango partido às tirinhas e cebolas e cenouras aos bocadinhos e ela tinha suor na testa de tão picante que aquilo era. Quando reparou que eu estava a observá-la de olhos arregalados, fez-me um grande sorriso e fingiu que desmaiava, estilo «isto é como estar no paraíso». Um dia destes gostava de suar assim com comida que sabe a paraíso.

O Angel toca a campainha quando ainda vou a meio da sopa, o que quer dizer que tenho de acabar de comer no pátio das traseiras, porque a mamã não gosta de ter um génio proto-gay em casa. Conto-lhe aquilo do Hot Spiced Sliced Chicken e ele diz que o nome dava um fim perfeito para um haiku, que é um tipo de poema japonês que acaba sempre com palavras que somam cinco sílabas ao todo.

Mas antes de irmos muito longe com o resto do poema, o Pedro veio pedir ao Angel para jogar o Jogo das Emoções com ele. É um jogo que o Angel adaptou de um grupo de improvisação que ele viu no Magnet Theater em Nova Iorque.

– Muito bem, começo eu – disse eu.

– Então, qual é o cenário? – pergunta o Angel.

– Tu e o Pedro vão assaltar um banco.

– Onde? – pergunta o meu irmão.

– Num banco – digo eu, para o enervar, e ele morde a isca.

– Na América ou em Portugal? – berra ele.

– Em Nova Iorque... Wall Street. Por isso tens de falar inglês.

O Angel ajoelha-se na relva para ficar da mesma altura do Pedro.

– Então, Crackers – disse ele numa voz nasalada –, pronto para abrir o cofre?

– Crackers? – pergunta o meu irmão.

– És tu – diz o Angel.

– Ah, já – diz o Pedro. – E tu quem és?

– Nails! – corto eu. – Nails e Crackers.

Nails era um gangster sinistro no *Inimigo Público*, um filme antigo com o Jimmy Cagney que estivemos a ver outro dia em casa do Angel.

– Passa-me os explosivos – ordena Nails ao seu capanga.

Crackers levanta a bomba imaginária e passa-lha com todo o cuidado. A língua a aparecer-lhe por entre os lábios. O Pedro concentra-se a sério quando luta pelo Oscar.

– Para trás – diz-lhe Nails. – Esta nitroglicerina é fortíssima.

– Inveja! – grito eu.

– Ouve lá, porque é que te baldas sempre? – pergunta Nails a Crackers. – Sempre que há uma explosão, eu é que fico ferido e tu saís sem uma única arranhadura. – Levanta a mão direita, escondendo o polegar. – Lembras-te de quando me estoirou o polegar em Boston?

– Lembro – diz Crackers, com um grande aceno de cabeça. Abandonando a personagem e voltando-se para mim, pergunta: – O que é inveja? – Enrola as mãos atrás das costas e agacha-se como quem tem de largar o calhau, porque o embaraça ter de perguntar uma coisa à irmã mais velha.

– É como ter ciúmes, nabo – digo eu. – Imagina que o Nails tem uma coisa que tu queres.

De novo no seu papel, o miudito olha o parceiro no crime com os olhos semicerrados de fúria. «Não sei porque é que tu tens... tens... tens madeixas loiras no cabelo e eu não».

– Porque aqui quem manda sou eu, topas? – diz Nails na sua voz de gangster.

– Também gostava de ser eu a mandar às vezes – lamenta-se Crackers. – Não está certo. – Bate o pé no chão e leva as mãos ao ar.

– Amor! – grito eu.

– Talvez não esteja certo – diz Nails a Crackers, a voz num profundo de romantismo – mas eu quero-te... preciso de ti... tens de ser meu! Estás a ouvir, bolachinho?

Angel enlaça Pedro e dá-lhe beijos no pescoço como um vampiro, e o meu irmão começa a contorcer-se e a guinchar deliciado.